

O MEDO DO DESCONHECIDO: JUNG E A COMPREENSÃO DO MEDO E SUA REPRESENTAÇÃO NO HORROR CÓSMICO DE LOVECRAFT

Guilherme Breda Patussi¹
Ana Claudia Yamashiro Arantes²
Jefferson João dos Santos³
Milena Ferraz⁴

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo investigar o medo do desconhecido a partir da perspectiva da psicologia analítica, associando os conceitos desenvolvidos por Carl Gustav Jung à literatura de horror cósmico do autor Howard Phillips Lovecraft. Por meio de uma pesquisa teórica, exploratória e de abordagem qualitativa, fundamentada em revisão de literatura e orientada pelo método indutivo, o estudo analisa como a narrativa do conto *O Chamado de Cthulhu* evoca imagens arquetípicas relacionadas à sombra, ao inconsciente coletivo e ao colapso do ego diante do self. A análise revela que os elementos simbólicos presentes na obra não representam apenas o medo como resposta emocional instintiva, mas como expressão psíquica profunda, associada a conteúdos inconscientes que emergem de forma desestabilizadora. Ao articular os fundamentos junguianos com a estrutura narrativa de Lovecraft, evidencia-se que o horror literário pode refletir os conflitos internos do sujeito moderno, promovendo um contato metafórico com suas partes reprimidas ou esquecidas. Conclui-se que o medo do desconhecido, ao ser interpretado como experiência simbólica, se revela não apenas como ameaça, mas como possibilidade de ampliação da consciência, fornecendo subsídios para a compreensão do medo como fenômeno psíquico e existencial.

Palavras-chave: Psicologia Analítica; Jung; Lovecraft; Medo; Medo do Desconhecido; Horror Cósmico.

1 INTRODUÇÃO

O medo é uma emoção fundamental, possuindo um significado evolutivo essencial e primordial para a evolução não só da espécie humana, mas de todas as espécies animais (Darwin, 2013). Este medo funciona como um sinal de alarme, aumentando o estado de vigilância e, assim, aumentando as chances de sobrevivência das espécies. Desta forma, trata-se de uma emoção inata, natural e universal (André, 2023).

Na visão da psicologia analítica de Carl Gustav Jung, o medo pode ser compreendido através do arquétipo do medo, utilizando imagens e símbolos universais que despertam essa emoção nas pessoas, tais como monstros, criaturas sobrenaturais, ambientes escuros e situações

¹ Graduando em Psicologia pela UCEFF. E-mail: guipatussi.25@gmail.com.

² Docente do curso de Psicologia da UCEFF, Campus Chapecó. E-mail: anaclaudia@uceff.edu.br.

³ Docente.

⁴ Docente.

de perigo. Esses símbolos são inatos à psique humana e aparecem em mitologias, histórias e contos de fadas, sonhos e obras de arte, como filmes, séries e quadros, provocando uma resposta emocional de medo (Campigotto, 2023).

Além do arquétipo do medo, essa emoção também está profundamente relacionada ao arquétipo da sombra, que representa o lado obscuro, ameaçador e indesejado da nossa personalidade (Sanford, 2007). Esta terminologia se refere ao lado menos luminoso da psique humana, algo que não corresponde aos ideais de perfeição. No entanto, essa sombra não contém apenas aspectos “ruins”, mas também conteúdos ainda não integrados à personalidade da pessoa. A partir da integração desses aspectos no consciente, dá-se início ao processo no qual a pessoa pode se tornar um indivíduo psicológico, “um todo separado e indivisível”, denominado individuação (Jung, 2014a).

O arquétipo do medo também é encontrado também nas obras de Howard Phillips Lovecraft (1890-1937), que em seus contos retrata o medo do desconhecido através da filosofia do cosmicismo, que busca enfatizar a fragilidade e insignificância humana em comparação ao vasto cosmos (Welsh, 2019). Em seu livro *O Horror Sobrenatural em Literatura* (2008), Lovecraft afirma que o medo é a emoção mais antiga e forte da humanidade, e que o tipo mais antigo e poderoso de medo é o medo do desconhecido (Lovecraft, 2008). Realizando uma ligação direta com a psicologia analítica, Jung (2002a) ressalta que o ser humano sente um temor profundo diante do desconhecido. Ele argumenta que, se até um adulto, considerado maduro, teme o desconhecido, por que uma criança não hesitaria em dar um passo à frente em direção a ele?

Com a proposta de analisar a integração das perspectivas de Jung e Lovecraft sobre o medo, este artigo tem como sua questão-problema: de que maneira o medo do desconhecido é compreendido na psicologia analítica junguiana e simbolizado na literatura de horror cósmico de Lovecraft?

O objetivo da pesquisa é analisar como o medo do desconhecido é compreendido e representado tanto pela psicologia analítica quanto pela literatura de Lovecraft. Seus objetivos específicos são: a) Compreender o conceito do medo na psicologia; b) Identificar o conceito do medo a partir dos textos de Jung; e c) Explorar a representação do medo do desconhecido na literatura de Lovecraft.

A justificativa dessa pesquisa sobre o estudo do medo reside na busca de compreender como essa emoção influencia a forma de interpretar o mundo e construir significados sobre ele. Investigar o medo significa examinar a forma em que são produzidas as imagens mentais e como o medo é visto, atribuindo assim sentido a ele. Ao explorar o medo do desconhecido, tanto

por meio dos arquétipos junguianos quanto da filosofia do cosmicismo nas obras de Lovecraft, podemos compreender melhor os processos psicológicos que sustentam as respostas emocionais ao que é incompreensível ou assustador (Cardoso, 2020).

2 REVISÃO TEÓRICA

Nesta revisão teórica, busca-se esclarecer as diversas dimensões do medo na psicologia analítica de Jung, abrangendo desde as reações comuns frente a acontecimentos cotidianos até suas manifestações mais profundas nas dimensões neuróticas e psicóticas. No contexto neurótico, o medo pode surgir de vivências traumáticas que se transformam em complexos afetivos, moldando a psique do sujeito. Já nas dimensões psicóticas, onde a psique está fragmentada, o medo pode emergir de maneira dissociada, adquirindo uma natureza terrificante e arquetípica. A obra de Lovecraft serve como um exemplo dessas gradações do medo, pois suas narrativas tratam do desconhecido e incompreensível de forma que simboliza tanto o medo consciente quanto inconsciente. Assim, suas histórias permitem uma análise da interação entre o medo e os processos psíquicos, conforme descritos pela psicologia analítica.

2.1 A ORIGEM DO MEDO

O medo é uma emoção inerente à natureza humana, sempre estando presente em nossa psique como um componente básico para a experiência humana. Ele é considerado uma emoção básica, fundamental e discreta, que está presente em todas as culturas, raças e espécies vivas, porém se demonstra ainda mais complexo abordado na espécie humana (Delumeau, 2009). Possui também uma caracterização diagnóstica, criada em 1980 pela *North American Nursing Diagnosis Association* (NANDA), se tratando de uma resposta à ameaça percebida que é conscientemente reconhecida como perigo (NANDA, 2006).

Ele é associado a uma situação de perigo ou ameaça iminente e imediata – um estímulo desencadeado por fatores externos – que provoca uma resposta instantânea de luta ou fuga, desaparecendo tão logo o estímulo é removido. Nesse sentido, o medo não é apenas fundamental e essencial, mas também uma reação real e natural (André, 2023).

Delpierre (1974) aponta que o medo pode desencadear diversos efeitos fisiológicos, variando conforme o contexto, a história e as experiências anteriores do indivíduo. Entre esses efeitos estão a aceleração ou diminuição da frequência cardíaca, respiração ofegante, contração

ou dilatação dos vasos sanguíneos, hiper ou hipersecreção das glândulas – como as sudoríparas, além de constipação, diarreia, e até paralisia, dependendo da intensidade da ameaça que provoca a reação de medo (*apud* Delumeau, 2009).

Por outro lado, existem tipos de medos que se enquadram no campo das patologias e psicopatologias, caracterizados por serem desproporcionais e incompatíveis com perigos reais, conhecidos como objetos ou situações fóbicas. Nesse contexto, o contato do indivíduo com essas situações ou objetos desencadeia uma resposta de medo extremo e irracional, provocando crises de ansiedade intensas em sujeitos fóbicos, que reagem de forma exagerada diante de estímulos que, objetivamente, não representam uma ameaça significativa (Dalgalarondo, 2018).

A fobia, assim como o terror, tem suas origens na mitologia grega, representadas pelos deuses gêmeos, filhos de Ares, o deus da guerra, e Afrodite, a deusa do amor: Phobos, o deus do medo, e Deimos, o deus do terror. Essas divindades personificam as emoções de medo e pavor nos campos de batalha. Phobos, nesse contexto, pode ser visto como o “objeto fóbigeno”, simbolizando os medos irracionais desencadeados pelas guerras. O medo que os guerreiros experimentaram não estava necessariamente vinculado a uma ameaça concreta ou real, mas sim a algo simbólico ou irracional – similar ao que ocorre nas fobias (Castro, 2018).

O medo pode ser considerado uma desorganização psíquica, presente em diversos estados de desequilíbrio emocional. Assim como outras emoções fundamentais, ele desencadeia uma série de sentimentos relacionados, como a ansiedade, a angústia e o pânico, que pertencem à mesma família emocional. Essas manifestações comprometem a harmonia interna do indivíduo, desestabilizando sua capacidade de reagir de maneira equilibrada e eficaz, agravando a vulnerabilidade psíquica (André, 2023; Machado, 2006).

De acordo com os estudos de Machado (2006) sobre o medo, essa emoção pode se manifestar de diferentes formas e intensidades, sendo dividida em três categorias principais: medo e angústia, "medrosismo" e medo como prazer. No primeiro grupo, o medo é uma emoção concreta e real, surgindo de forma frequente e dolorosa, enquanto a angústia não se dirige a um objeto ou ameaça específica. Apesar dessa diferença conceitual, ambos se manifestam de maneira semelhante no corpo, gerando agitação física, expectativas negativas, e pensamentos voltados tanto à superação quanto ao enfrentamento do perigo.

No segundo tipo, o "medrosismo", o medo surge como uma tendência inerente ao indivíduo, não estando necessariamente vinculado a uma situação real de perigo. Trata-se de uma característica da personalidade, muitas vezes observada na infância, quando o medo aparece de maneira mais generalizada e menos racional. Já o terceiro tipo, o medo como prazer,

refere-se à experiência em que a sensação de perigo e medo é interpretada como algo emocionante e estimulante. Nesse caso, o medo acaba sendo transformado em uma fonte de excitação, trazendo uma forma de prazer ao indivíduo (id.).

Nessa linha de pensamento, Machado (2006) destaca que, entre os diversos tipos de medo, seis se sobressaem por sua maior prevalência: o medo ilógico, o medo divertido, o medo do fracasso, a ansiedade, o medo realístico e o medo do desconhecido. O medo ilógico deriva de crenças irracionais, como o temor de falhar em público ou de não corresponder a expectativas, sem que haja um perigo concreto. O medo divertido, por sua vez, está ligado a situações de risco que geram excitação e adrenalina, nas quais o sujeito se arrisca fisicamente ou socialmente em busca de novas experiências e sensações estimulantes. Já o medo do fracasso reflete o receio de não alcançar o sucesso desejado, exigindo que o indivíduo enfrente esse temor para alcançar um equilíbrio emocional e lidar com as expectativas e pressões envolvidas.

Dentre essas manifestações, a ansiedade pode ser compreendida como uma forma indefinida, difusa e antecipada de medo, na qual a vivência está atrelada à expectativa de uma ameaça futura. A angústia, por sua vez, é uma ansiedade intensificada, manifestando-se por meio de diversos sinais físicos. André (2023) destaca que tanto a angústia quanto a ansiedade podem ser consideradas formas de medo "sem objeto", onde o sujeito experimenta a sensação de temor mesmo sem a presença de um perigo real. Nessa mesma linha, o pânico e o terror são manifestações de medo caracterizadas por uma intensidade extrema, podendo ocorrer mesmo na ausência de qualquer ameaça concreta (Machado, 2006).

Realizando um paralelo com a teoria psicanalítica, a angústia em sujeitos neuróticos pode ser compreendida como um estado constante e irracional, enraizado em conflitos internos profundos. Esse sofrimento se manifesta na oscilação entre o desejo idealizado e inatingível, e a dificuldade de realizá-lo, levando à paralisia emocional do indivíduo. Ao adiar a concretização de seus anseios, o neurótico busca projetar e racionalizar suas angústias, na tentativa de evitá-las. Nesse sentido, a angústia pode ser definida como uma forma de medo da vida, refletindo o temor em enfrentar a realidade e a inevitabilidade das experiências que compõem a existência (Freud, 2014; Lowen, 1989).

No entanto, essa tentativa de evitar a angústia agrava ainda mais a ansiedade, já que o sujeito se depara com a impossibilidade de controlar tanto seus desejos quanto o curso de sua vida. Na neurose, o ego, constantemente em sofrimento, teme a imprevisibilidade da vida e busca controlá-la, mesmo em áreas onde esse controle está além de seu alcance, perpetuando o ciclo de angústia (Lowen, 1989).

Enquanto na neurose observamos o conflito entre o desejo inconsciente e a repressão imposta pela psique do indivíduo, na psicose há um comprometimento da estrutura interna psíquica, que acaba levando a uma angústia intimamente ligada ao medo de perder o controle sobre impulsos internos ou sobre a realidade externa. Essa forma de angústia pode ser vista como uma desintegração do eu, em que o sujeito perde a capacidade de distinguir entre realidade e fantasia, levando a um colapso (Freud, 1996).

Por fim, o medo realístico é compreendido como aquele que surge diante de situações de risco concreto e palpável, como lesões corporais, dores, ou até mesmo o temor da morte. Esse tipo de medo está diretamente ligado a ameaças tangíveis. Já o medo do desconhecido, por outro lado, relaciona-se à incerteza sobre novas experiências e ao desconhecimento do que está por vir. Esse medo pode ser mais assustador do que o resultado imediato da própria experiência, sendo impulsionado pela incapacidade de prever ou controlar o que acontecerá a seguir (Machado, 2006).

2.2 O MEDO NA PSICOLOGIA ANALÍTICA

A psicologia analítica, desenvolvida por Carl Gustav Jung, inicialmente compartilha algumas bases teóricas com a psicanálise, tendo Jung sido um importante colaborador da teoria freudiana. No entanto, Jung se distanciou da psicanálise ao desenvolver sua própria abordagem, que incorpora novos conceitos, como a investigação das experiências psicóticas e a ênfase nos aspectos simbólicos e arquetípicos da psique. Influenciado por suas vivências pessoais e um amplo estudo de casos, Jung propôs uma compreensão mais ampla da dinâmica psíquica, diferenciando-se da teoria freudiana ao explorar o papel dos símbolos e arquétipos no desenvolvimento da personalidade e na formação do comportamento humano (Martinez, 2006).

Nesse contexto, o medo é compreendido como um estado afetivo e emocional fundamental para a estrutura e o desenvolvimento da psique, no qual reflete o conflito entre opostos psíquicos, que ocorre durante a formação da consciência. Por ser um aluno de Freud, Jung inicialmente reconhecia o medo como uma manifestação neurótica, funcionando como uma defesa contra os processos internos do indivíduo. Nesse sentido, o medo pode ser visto como uma tentativa de evitar a "voz interior", os conteúdos inconscientes que emergem à consciência e que exigem integração (Jung, 2002a).

Essa neurose, longe de ser apenas um problema patológico, desempenha um papel essencial: impulsionar o indivíduo em direção à personalidade total, que envolve o reconhecimento e a aceitação de toda a sua psique, incluindo tanto os aspectos positivos quanto

os negativos. Como destaca Jung (2018), o paciente não deve apenas identificar a causa e a origem de sua neurose, mas também vislumbrar o propósito a ser alcançado. A parte "doente" da psique não pode simplesmente ser eliminada como um corpo estranho, pois isso arriscaria destruir algo vital para o processo de *individuação*. A tarefa, segundo Jung, não é destruir, mas sim cuidar e nutrir aquilo que precisa crescer, permitindo que esse aspecto da psique encontre seu lugar na totalidade da alma.

Assim, o indivíduo neurótico não deve ser visto como uma exceção patológica, mas como uma expressão universal do ser humano que se encontra em tensão entre suas pulsões internas e os valores culturais que o formam e o cercam. Para Jung (1993), esse estado de conflito é, muitas vezes, uma tentativa inconsciente de restaurar um equilíbrio perdido, ou ainda, de provocar uma transformação psíquica necessária. Ele alerta, no entanto, que a simples remoção de uma neurose, sem que algo a substitua com valor equivalente, pode resultar em um colapso existencial: a vida perde o sentido, e o indivíduo mergulha em uma sensação de vazio ou inutilidade (Jung, 2014b).

É justamente nesse ponto que surge a proposta central da psicologia analítica, a de que o sofrimento neurótico carrega em si uma possibilidade de crescimento. Ao invés de ser eliminado, o sintoma pode ser compreendido como um símbolo, um apelo do inconsciente à consciência, que convida o sujeito a reorientar sua vida em direção a um sentido mais profundo e pessoal. Essa reorientação se dá por meio do processo de *individuação*, entendido como a integração gradual das diferentes partes da psique em direção à totalidade, permitindo que o indivíduo encontre um significado imanente à sua existência, construído a partir da articulação entre o mundo interno e as exigências do mundo externo (Jung, 2013).

O conceito de complexo afetivo é essencial para entender a dimensão do medo, pois trata-se de uma imagem psíquica carregada de forte emoção, que não se alinha com as disposições ou atitudes habituais da consciência do indivíduo. Essa imagem atua como um *corpus alienum*, um “corpo estranho” com vida própria, que se manifesta na consciência de maneira autônoma, exercendo influência sobre o comportamento, mesmo que o indivíduo não tenha controle direto sobre ela. Embora essa autonomia seja parcial, ela ainda está sujeita, em certa medida, às disposições da consciência (Jung, 2011).

A ativação desses complexos no inconsciente pessoal pode desencadear conteúdos que foram esquecidos ou reprimidos pelo indivíduo, como memórias, eventos e emoções, que acabam dominando sua psique. Quando um complexo é ativado, ele pode gerar reações emocionais e comportamentais desproporcionais, frequentemente fora do controle consciente

do indivíduo, causando impactos significativos no modo como ele reage a situações e interage com o ambiente ao seu redor (Faria, 2003).

Quando os aspectos de um complexo emergem do inconsciente pessoal e são trazidos à consciência, eles podem ativar ou ser influenciados por imagens arquetípicas mais profundas, como o arquétipo da sombra. Essas imagens arquetípicas funcionam como instintos, sempre ligados ao corpo e provenientes do inconsciente coletivo, atuando como potenciais formas de reação diante de situações diversas. Elas são frequentemente traduzidas em sonhos e fantasias, expressando possibilidades latentes de resposta (Santos, 1976).

Os arquétipos são estruturas psíquicas básicas e universais que, em si, são vazias e formais, representando apenas uma possibilidade de forma sem conteúdo específico. Eles são herdados como formas ou moldes, de maneira similar aos instintos, sendo determinados por sua estrutura, mas não por ideias concretas. Embora um arquétipo possa receber um nome e conter um núcleo de significado relativamente estável, ele nunca se manifesta de forma fixa ou concreta. Sua expressão é preenchida conforme as experiências individuais e culturais de cada pessoa, variando de acordo com o contexto em que é vivenciado (Jung, 2014c).

O arquétipo da sombra representa o lado sombrio e reprimido da nossa personalidade, formado por tudo aquilo que é desconhecido, inconsciente, rejeitado e negado pelo ego. Não se limita apenas à parte obscura e reprimida do "eu", mas abrange tudo que pertence ao indivíduo, embora permaneça desconhecido por ele. A sombra inclui tanto elementos pessoais, derivados de experiências individuais, quanto elementos coletivos, oriundos do inconsciente coletivo (Von Franz, 1985).

Denominada "sombra" por sua oposição à luz da consciência, essa parte inconsciente complementa o ego, simbolizando uma dimensão frequentemente associada a características negativas ou indesejadas, que o indivíduo não reconhece na percepção consciente de si mesmo. Sua integração é essencial para o processo de *individuação*, que envolve trazer à consciência os aspectos reprimidos do inconsciente. Esse processo permite ao indivíduo alcançar a totalidade de seu ser, unificando as diferentes partes de sua psique e tornando-se uma unidade integrada (Jung, 2002b).

Ao confrontar e reconhecer a sombra, um dos principais aspectos que pode despertar o sentimento de medo é o desconhecido. Dentro desse paradigma, a relação entre consciência e inconsciência é marcada por um constante conflito de opostos. Os aspectos inconscientes, por serem desconhecidos ao indivíduo, frequentemente se apresentam como ameaçadores ou amedrontadores, uma vez que a psique tende a temer aquilo que não compreende ou não

controla. Assim, esse confronto entre o conhecido e o desconhecido é uma fonte significativa de medo na dinâmica entre a sombra e a consciência (Campigotto, 2023).

Diante das diferentes formas pelas quais o medo pode ser compreendido e manifestado, especialmente sob a ótica psicológica, torna-se possível investigar uma modalidade específica: o medo do desconhecido. Essa categoria, profundamente conectada ao inconsciente, ganha destaque na psicologia analítica de Jung, ao ser simbolicamente associada ao arquétipo da sombra. Mais do que um temor racional, trata-se de uma vivência subjetiva que pode desestabilizar o indivíduo diante do que não é compreensível ou nomeável. A proposta deste trabalho parte exatamente dessa premissa: compreender como esse medo primordial é representado de forma simbólica na literatura de Lovecraft, através do horror cósmico. Ao realizar esse paralelismo, o estudo busca ampliar a compreensão das expressões inconscientes do medo, explorando como a arte, especialmente a literatura, pode espelhar dimensões profundas da psique humana, abrindo caminho para novas possibilidades de leitura e reflexão sobre a experiência emocional do desconhecido.

2.3 O MEDO DO DESCONHECIDO

Utilizando a literatura de horror cósmico do escritor americano Howard Phillip Lovecraft, é possível estabelecer um paralelo com a psicologia analítica de Jung, entrelaçando as narrativas do autor com os conceitos junguianos. O medo do desconhecido, tema central na obra de Lovecraft, torna-se palpável por meio de questões que envolvem imagens primordiais, arquétipos, a sombra, o processo de individuação, e os níveis do inconsciente coletivo e pessoal. Além disso, Lovecraft destaca a importância dos sonhos e da criatividade como manifestações de conteúdos inconscientes (Welsh, 2019).

Reconhecido como uma das emoções mais antigas e intensas da humanidade, o medo do desconhecido é explorado por Lovecraft em uma escala cósmica, onde seus personagens frequentemente se deparam com forças e entidades que transcendem a compreensão humana, desafiando as leis da realidade conhecida e revelando a insignificância da humanidade diante da vastidão do universo. Esse é o princípio central do horror cósmico, um subgênero da ficção de terror que utiliza a ambientação e a narração atmosférica para evocar o medo cósmico, gerando uma sensação de desamparo diante do incompreensível e insondável (Lovecraft, 2008; Welsh, 2019).

Segundo Mosig (1997), a visão materialista e mecanicista de Lovecraft, embora cética em relação ao sobrenatural, foi precisamente o que tornou suas histórias de horror tão eficazes. Em vez de se apoiar nos fantasmas e demônios tradicionais, o escritor deslocou o foco do medo para os vastos e insondáveis abismos do universo e para os mistérios desconhecidos da mente humana, criando um horror sobrenatural destinado a um público descrente, tornando sua obra especialmente impactante para os leitores modernos.

Essa visão é fundamental para compreender o apelo duradouro de Lovecraft como autor de terror. Em *O Horror Sobrenatural em Literatura*, o escritor inicia com a célebre afirmação de que “a emoção mais antiga e forte da humanidade é o medo, e o tipo mais antigo e forte de medo é o medo do desconhecido” (Lovecraft, 2008, p. 13). Essa declaração posiciona o medo como algo primordial, anterior à razão e profundamente enraizado na experiência humana. No campo da psicologia analítica, tal perspectiva encontra eco: o desconhecido, em termos psíquicos, pode ser associado ao inconsciente, e o medo, à reação emocional diante de sua irrupção na consciência. Jung reconhece que esse contato é frequentemente mediado pela sombra, a qual representa tudo aquilo que o ego ignora, rejeita ou não consegue integrar (Welsh, 2019).

No entanto, é importante considerar que o desconhecido, apesar de poder ser compreendido psicologicamente como o inconsciente, não se esgota nesse nível. Interpretá-lo apenas como reflexo de processos internos pode empobrecer sua complexidade simbólica. Em Lovecraft, o desconhecido não é apenas aquilo que está reprimido ou fora do campo da consciência individual, ele ganha contornos cósmicos, impessoais, e aponta para algo que ultrapassa o sujeito. Existe, em sua obra, uma tensão constante entre a experiência interior do terror e uma realidade que parece vir de fora, como se fosse anterior e maior do que o próprio humano. Assim, o medo que suas histórias despertam carrega uma ambiguidade essencial: ele opera tanto na esfera psíquica quanto na possibilidade de uma ordem maior, indiferente à razão, que toca o transcendental sem nunca nomeá-lo diretamente (id.).

Embora o desconhecido, ou o arquétipo do desconhecido, desempenhe um papel semelhante na obra de Lovecraft em relação aos contos de terror de séculos anteriores, os símbolos que o representam mudaram. Enquanto os arquétipos são universais e atemporais, os símbolos que os expressam são moldados por um contexto específico de tempo, lugar e cultura. Lovecraft adaptou esses símbolos para dialogar com o público moderno, deslocando o terror para esferas cósmicas e impessoais que, embora não façam parte da realidade conhecida, evocam angústias profundas e existenciais latentes na psique contemporânea (Mosig, 1997).

Considerando a articulação entre os conceitos da psicologia analítica e os elementos literários do horror cósmico, sugere ser possível aplicar essa perspectiva à análise da obra de Lovecraft. A seguir, será apresentado um breve resumo do conto *O Chamado de Cthulhu*, evidenciando como o medo do desconhecido – elemento central tanto em Jung quanto em Lovecraft – se manifesta por meio de símbolos, arquétipos e experiências de confronto com o inconsciente.

3 METODOLOGIA

Este trabalho configura-se como uma pesquisa teórica de natureza qualitativa, fundamentada na convergência entre psicologia e literatura, com o objetivo de explorar simbolicamente o medo do desconhecido. A partir de uma revisão de literatura, investiga-se o conceito de medo sob a perspectiva da psicologia analítica de Jung, em diálogo com as narrativas de horror cósmico de Lovecraft. O foco da análise está na articulação entre teoria psicológica e representação ficcional, observando como elementos literários funcionam como expressões simbólicas de conteúdos arquetípicos do inconsciente coletivo.

A pesquisa adota o método indutivo, o qual se caracteriza por partir de observações específicas, como os contos de Lovecraft e seus elementos simbólicos, para a formulação de conceitos e interpretações mais amplas sobre o medo. Esse método é particularmente adequado quando se busca identificar temas que se repetem diretamente no material analisado, sem partir de modelos teóricos rígidos. Como explica Chalmers (1993), a indução permite que as conclusões se fundamentam nas evidências observadas, o que favorece a construção de um olhar analítico fundamentado e orgânico, que se desenvolve de forma natural e coerente a partir do próprio objeto estudado, respeitando seu ritmo e complexidade interna, especialmente em campos interdisciplinares como a psicologia e a literatura.

O nível da pesquisa é exploratório, pois visa ampliar a familiaridade com um tema ainda raramente abordado sob uma articulação entre psicologia analítica e literatura: o medo enquanto manifestação psíquica simbólica e sua representação literária. Como salienta Gil (2008), pesquisas exploratórias são particularmente úteis para proporcionar novos olhares e aprofundamentos em áreas emergentes, servindo como base para formulações futuras.

O delineamento metodológico é de natureza bibliográfica, conforme definido por Figueiredo *et al.* (2014). A discussão foi construída a partir de fontes secundárias, previamente publicadas, incluindo livros, artigos científicos, dissertações e materiais eletrônicos, acessados

por meio das bases de dados Google Acadêmico, SciELO e PubMed. Além disso, foram incorporadas obras recomendadas pela orientadora, como *Mal: o lado sombrio da realidade*, *Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais* e *O que é ciência, afinal?*, por oferecerem subsídios teóricos relevantes para a compreensão simbólica e metodológica do tema.

Os critérios de inclusão adotados foram: obras que abordassem diretamente os temas do medo, da psicologia analítica no seu texto (com foco nos conceitos de sombra, arquétipo e inconsciente coletivo), fundamentos metodológicos relacionados à pesquisa teórica e científica, e interpretações que aproximam tais conceitos da obra de Lovecraft, como as análises propostas por Welsh (2019) e Mosig (1997). Os critérios de exclusão envolveram materiais redundantes para o tema da pesquisa e que abordassem o medo em outras abordagens psicológicas sem diálogo com a psicologia analítica, ou ainda, que tratassem do horror na literatura de forma puramente descritiva, sem oferecer uma leitura simbólica ou reflexiva capaz de conectar os elementos narrativos com significados psicológicos mais amplos.

Ao longo do processo de levantamento bibliográfico, foram identificadas 47 materiais e obras relevantes, entre artigos, livros, dissertações e materiais eletrônicos, distribuídas entre as bases de publicação científica e recomendações da orientadora. As obras selecionadas abrangem três núcleos temáticos principais: textos que tratam da psicologia analítica com ênfase nos conceitos de medo, sombra e arquétipos; estudos críticos sobre a literatura de Lovecraft e seu universo simbólico; e ainda textos fundamentais para a compreensão da psicodinâmica do medo. Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão previamente definidos, 35 materiais e obras foram selecionadas, refinadas e integradas à análise final, compondo a base teórica e interpretativa do presente trabalho.

A fundamentação deste trabalho dialoga com múltiplas abordagens para construir uma leitura simbólica do medo, articulando contribuições da psicologia, da filosofia, da literatura e da psiquiatria. Referências como Delumeau (2009), André (2023), Darwin (2013) e Dalgalarondo (2018) forneceram um panorama histórico, evolutivo e clínico da experiência do medo, apontando desde seus efeitos fisiológicos até suas manifestações patológicas. Essa base foi ampliada por autores como Machado (2006), Castro (2018) e Cardoso (2020), que exploram o medo enquanto fenômeno cultural e afetivo, abrindo espaço para sua compreensão simbólica.

Nesse ponto, textos como os de Campigotto (2023) e Sanford (2007) foram essenciais para transitar entre a representação do medo na literatura gótica e sua ressonância com os arquétipos junguianos. As contribuições de Jung, especialmente em obras como *Aion* (2012), *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo* (2014c) e *Psicologia do Inconsciente* (2014b), foram o eixo central da análise, permitindo que conceitos como sombra, self, complexos e

individação fossem explorados como chaves interpretativas. Finalmente, ao incorporar Lovecraft (2008, 2012), Mosig (1997) e Welsh (2019), o trabalho ampliou seu escopo para observar como as narrativas de horror cósmico funcionam como representações simbólicas do inconsciente, revelando o medo do desconhecido como uma imagem arquetípica que une a psique individual ao coletivo, e a ciência à imaginação.

As palavras-chave utilizadas na busca e organização das referências foram: Psicologia Analítica; Jung; Lovecraft; Medo; Medo do Desconhecido; Horror Cósmico. Esses termos foram escolhidos por refletirem os eixos centrais da pesquisa, permitindo a identificação de materiais que abordassem tanto os aspectos teóricos da psicologia profunda quanto suas ressonâncias simbólicas e narrativas no campo da literatura fantástica.

Por fim, a pesquisa segue uma abordagem qualitativa, uma vez que se concentra na interpretação de significados simbólicos, valores subjetivos e estruturas narrativas profundas. Conforme Minayo (2001), a pesquisa qualitativa busca compreender as camadas mais complexas da experiência humana, o que a torna particularmente adequada para o estudo de fenômenos como o medo e suas reverberações psíquicas, que não podem ser quantificados, mas sim compreendidos em sua dimensão simbólica, emocional e cultural.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

Após a exposição teórica dos conceitos fundamentais da psicologia analítica, torna-se possível fazer um paralelismo nessas noções da literatura de horror cósmico, especialmente no conto *O Chamado de Cthulhu*, escrito por Howard Phillips Lovecraft em 1926.

Considerada uma de suas narrativas mais emblemáticas, a história é contada por Francis Wayland Thurston, um antropólogo de Boston que, ao herdar os documentos do tio-avô, Professor Angell, se vê envolvido em uma investigação desconcertante (Lovecraft, 2012). Fragmentos aparentemente desconexos, como esculturas, sonhos, diários, rituais, começam a revelar a existência de uma entidade ancestral que transcende as fronteiras da compreensão humana. Trata-se de uma narrativa em que o horror não se manifesta de forma explícita, mas se insinua nas bordas da linguagem, no que é dito por sussurros, apagado pelo tempo, ou registrado em delírios (id.).

A estrutura do conto se desdobra em três partes. Em *O horror em argila*, o leitor é introduzido a uma escultura de aparência grotesca, entregue ao Professor Angell por um jovem artista, Henry Anthony Wilcox. Essa peça, de origem desconhecida e feita com um material

inclassificável, exibe uma criatura cuja forma evoca simultaneamente um polvo, um dragão e uma figura humanoide (id.).

Após o encontro com o objeto, Wilcox começa a sofrer febres e pesadelos intensos, nos quais vislumbra cidades colossais de geometria não euclidiana e escuta palavras como "*Cthulhu*" e "*R'lyeh*", termos que até então não faziam parte do seu vocabulário. O estranho é que os relatos de Wilcox coincidem com registros de outras pessoas, em locais distintos do mundo, que vivenciam sonhos semelhantes. Surge assim uma hipótese inquietante: haveria algo subterrâneo, talvez esquecido, que se manifesta silenciosamente através do inconsciente coletivo? (id.).

A segunda parte, *O relato do inspetor Legrasse*, aprofunda essa sensação de que há uma rede antiga e silenciosa por trás da realidade conhecida. O policial John Legrasse, ao investigar uma série de desaparecimentos nas florestas da Louisiana, descobre um culto oculto e violento, cujos membros adoram uma entidade chamada *Cthulhu*. A semelhança entre a estatueta apreendida com o culto e o baixo-relevo de Wilcox levanta ainda mais suspeitas (id.).

As confissões dos cultistas, entre frases desconexas e entoadas em línguas desconhecidas, como a ritualística frase "*Ph'nglui mglw'nafh Cthulhu R'lyeh wgah'nagl fhtagn*" (Lovecraft, 2012, p. 82), sugerem a existência de uma tradição arcaica, não apenas viva, mas espalhada por diversos cantos do planeta. A ideia perturbadora de que o culto a *Cthulhu* atravessa culturas, continentes e séculos lança luz sobre um tipo de memória coletiva ancestral, que insiste em sobreviver nas margens da civilização.

A última parte, *A loucura vinda do mar*, fecha esse mosaico inquietante com a descoberta do diário do marinheiro norueguês Gustaf Johansen. Durante uma expedição no Pacífico Sul, seu navio se depara com uma ilha que não consta em nenhum mapa, tratando-se de *R'lyeh*, a mítica cidade submersa que, temporariamente, emergiu das águas. Ao desembarcarem, os tripulantes enfrentam uma geometria inumana e, por fim, libertam acidentalmente a criatura adormecida (Lovecraft, 2012).

O contato com *Cthulhu* não se dá em termos físicos convencionais, mas psíquicos: sua mera presença abala profundamente os marinheiros. Quase todos enlouquecem ou morrem, e apenas Johansen sobrevive, visivelmente traumatizado, para contar o que viu, antes de, misteriosamente, também falecer. A história termina com Thurston refletindo que algumas verdades devem permanecer esquecidas, pois a humanidade talvez ainda não esteja pronta para encarar aquilo que jaz sob a superfície da realidade (id.).

Diante dessa construção literária fragmentada e cheia de zonas de silêncio, pode-se inferir como Lovecraft, talvez de forma não intencional, ou inconsciente, mobiliza temas que

dialogam profundamente com a psicologia analítica. Em sua obra, o desconhecido não é apenas algo que ainda não foi descoberto, mas aquilo que não pode ser conhecido, uma realidade que extrapola a linguagem e desafia a capacidade da consciência de assimilar e simbolizar. Nesse sentido, ao "romper os limites do ego", o escritor apresenta experiências que ultrapassam a estrutura psíquica consciente, confrontando o sujeito com conteúdo tão intensos e vastos que podem desestabilizar ou dissolver temporariamente o senso de identidade (Welsh, 2019; Jung, 2014c).

Assim como os conteúdos arquetípicos descritos por Jung, a entidade *Cthulhu* e os elementos que a cercam, *R'lyeh*, os sonhos, os cultos, operam como imagens simbólicas das forças inconscientes. Quando essas imagens emergem de forma abrupta, sem simbolização ou integração, provocam rupturas psíquicas, colapsos de sentido, e nos colocam face a face com o que está além da razão (Jung, 2011).

Descrito como um dos “Grandes Antigos”, *Cthulhu* se apresenta como uma das criaturas mais icônicas do panteão lovecraftiano. Enorme, híbrido, com traços de polvo, asas membranosas e corpo antropeide, ele habita as profundezas do Oceano Pacífico, na cidade submersa de *R'lyeh*. No entanto, mais do que um monstro no sentido tradicional, *Cthulhu* representa uma força impessoal e cósmica, que não se importa com a existência humana (Welsh, 2019).

Ele é adorado por cultos secretos espalhados pelo mundo, como se fosse o remanescente de um tempo anterior à civilização, anterior à consciência. Sua presença, silenciosa, adormecida, mas eterna, simboliza o medo do inominável, aquilo que, por não poder ser contido em palavras, reverbera em sonhos, pesadelos e intuições primitivas (id.).

Cthulhu, a partir da psicologia analítica, pode ser compreendido como uma manifestação arquetípica da sombra coletiva, um símbolo do que foi reprimido, esquecido ou negado pela humanidade. Ele representa não um mal moral, mas um caos arcaico, uma parte da psique que foi rejeitada em nome da razão e da civilização. Como um “corpo estranho” vindo do inconsciente coletivo, mas também confronta o leitor com a fragilidade da consciência diante daquilo que não pode controlar ou nomear. Assim como os arquétipos descritos por Jung, essa criatura representa uma forma simbólica vazia, que adquire sentido conforme o impacto emocional e simbólico que provoca em cada indivíduo (Jung, 2014c; 2012; 2002b).

Seguindo essa mesma linha de pensamento, Welsh (2019) reforça essa interpretação ao afirmar que o símbolo central do conto é, inquestionavelmente, a figura de *Cthulhu*. Ele argumenta que essa figura não representa a sombra pessoal de Lovecraft, mas sim a sombra

objetiva da humanidade. *Cthulhu* permanece oculto, submerso, vivendo nas profundezas, o que remete diretamente à simbologia da água como representação do inconsciente, conforme apontado por Jung. A cidade de *R'lyeh*, com sua geometria não euclidiana e localização submarina, funciona como metáfora de um território psíquico profundo e inexplorado. Sua súbita emergência à superfície e o colapso psicológico que provoca refletem o impacto de conteúdos do inconsciente coletivo quando estes irrompem abruptamente, sem mediação simbólica ou preparo por parte do ego (Jung, 2014c).

Esse impacto psíquico é visível nas figuras de Wilcox, o jovem artista atormentado por sonhos e visões, e Johansen, o marinheiro que testemunha a manifestação de *Cthulhu*. Ambos demonstram sinais de dissociação e desorganização da consciência, efeitos semelhantes aos descritos por Jung ao tratar do contato abrupto com conteúdos arquetípicos não integrados. Jung (2012) afirma que a irrupção de imagens do inconsciente coletivo, especialmente quando ligadas ao self, pode provocar uma desestruturação do ego, caso ele não esteja preparado para assimilar tais conteúdos.

A aparição de *Cthulhu* funciona como um paralelo simbólico à emergência prematura do self, rompendo a estabilidade do eu e produzindo colapsos psíquicos profundos. Assim, o processo de individuação, que leva ao contato com o self, deve ocorrer de maneira gradual e mediada; quando esse encontro acontece de forma desproporcional, como o retorno de uma entidade ancestral adormecida, a consequência pode ser devastadora para a identidade consciente (Jung, 2014c; 2002).

O final do conto reforça esse “abismo psíquico”: a ameaça continua, e o próprio narrador admite que certas verdades devem permanecer ocultas. Não há resolução, apenas a constatação de que o horror cósmico continua latente. “Na casa em *R'lyeh*, *Cthulhu*, morto, aguarda sonhando” (Lovecraft, 2012, p. 82) – a frase ritualística permanece como um lembrete inquietante de que o desconhecido não foi vencido, apenas silenciado. Ao deixar em aberto a possibilidade do retorno da entidade, Lovecraft não apenas conclui a narrativa, mas a transforma em símbolo duradouro de tudo aquilo que escapa à compreensão, tanto no universo quanto na mente humana.

Dessa forma, *O Chamado de Cthulhu* não se limita a uma obra de ficção fantástica ou imaginativa – gênero literário em que o irreal é usado como ferramenta expressiva –, trata-se de uma representação simbólica do confronto entre o ego consciente e as forças obscuras do inconsciente. O “abismo” aqui não é apenas espacial ou narrativo: é psicológico. Ele representa a ruptura entre o que o sujeito conhece sobre si e aquilo que ainda não reconhece, ameaçando a coesão do eu. Ao evocar imagens arquetípicas com expressividade simbólica e intensidade

emocional, a obra de Lovecraft estabelece um diálogo potente com os princípios da psicologia analítica, demonstrando que o medo do desconhecido não é apenas externo, mas nasce nas profundezas da psique, onde a sombra permanece adormecida, à espera de ser confrontada (Lovecraft, 2012; Jung, 2014c).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, buscou-se evidenciar como o medo do desconhecido dialoga com as estruturas psíquicas descritas pela psicologia analítica e ganha forma simbólica na literatura de horror cósmico de Lovecraft. A partir da fundamentação teórica envolvendo os conceitos de arquétipo, inconsciente coletivo e sombra, foi possível realizar um breve panorama narrativo do conto *O Chamado de Cthulhu*, no qual a fragmentação do enredo, os elementos oníricos e a presença de uma entidade inexprimível ilustram de maneira simbólica a atuação do medo arquetípico.

A análise mostrou que *Cthulhu* opera simultaneamente como símbolo da sombra coletiva, aquele conjunto de conteúdos reprimidos e negados pela consciência, e como um self ameaçador, cuja aparição abrupta pode desintegrar o ego. A geometria não euclidiana de *R'lyeh*, os cultos antigos e as visões compartilhadas manifestam a “gramática” do inconsciente coletivo: formas vazias que ganham vida a partir do conteúdo emocional e cultural dos indivíduos. Ao deslocar o terror para além de fantasmas e demônios, Lovecraft nos força a encarar o abismo interior, confirmando a tese junguiana de que o verdadeiro horror reside naquilo que não conseguimos nomear nem controlar.

Nesse encontro entre literatura e psicologia, o medo do desconhecido deixa de funcionar apenas como um recurso narrativo e passa a operar como um símbolo vivo do processo de individuação. Confrontar *Cthulhu*, sob a perspectiva junguiana, equivale a reconhecer e integrar a sombra, um desafio árduo e muitas vezes doloroso, mas necessário à ampliação da consciência. A ausência de resolução no conto, marca típica do horror cósmico, evidencia que a sombra não é algo a ser eliminado, mas um aspecto sempre presente, à espreita nas fronteiras da psique, sustentando a tensão constante entre o que é conhecido e aquilo que permanece indizível.

Por fim, reconhece-se que esta investigação, de caráter exploratório e indutivo, contribuiu para evidenciar a convergência entre dois campos que, à primeira vista, pertencem a esferas diferentes: a psicologia analítica, de base teórica e clínica, e a literatura de horror, com

sua natureza estética e narrativa. No entanto, essa aproximação se revelou produtiva ao demonstrar como ambas podem dialogar na representação simbólica do medo do desconhecido, especialmente por meio dos arquétipos e imagens que emergem do inconsciente coletivo. Ainda que este trabalho se concentre em uma obra específica de Lovecraft, ele abre caminhos para futuras análises de outros contos do autor, bem como comparações com escritores contemporâneos do gênero. Também seria promissor realizar investigações empíricas sobre as experiências emocionais e simbólicas dos leitores diante do horror cósmico, especialmente quanto aos efeitos numinosos provocados pelas imagens arquetípicas, aprofundando a compreensão sobre como essas obras mobilizam afetos profundos, inconscientes, e favorecem a emergência de sentidos psíquicos e existenciais.

Ao evidenciar as estruturas simbólicas que sustentam os medos mais arcaicos da psique, esta análise amplia a compreensão do medo do desconhecido, não apenas como uma reação instintiva diante do que escapa ao controle, mas como manifestação profunda de conteúdos inconscientes que exigem reconhecimento e integração. A leitura simbólica aqui proposta permite compreender essas experiências não como meros obstáculos emocionais, mas como expressões legítimas da vida psíquica que, quando interpretadas, favorecem o desenvolvimento da consciência e impulsionam o processo de individuação. Assim, o medo deixa de ser apenas um abismo a ser evitado e passa a ser um portal simbólico, um chamado para encarar o desconhecido e ressignificar nossa relação com a própria existência.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Christophe. **Psicologia do medo**. Petrópolis: Editora Vozes, 2023.

CAMPIGOTTO, Lucas Monteiro. **O ARQUÉTIPO DO MEDO NA LITERATURA GÓTICA: DE WALPOLE A STOKER**. Tese (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2023. Disponível em: <http://repositorio.uem.br:8080/jspui/handle/1/8202>. Acesso em: 5 out. 2024.

CARDOSO, André. Apresentação. In: FRANÇA, Júlio; SENA, Marina. **Sobre o medo: o mal na literatura brasileira do século XX**. Niterói: Hugin Munin, 2020. Disponível em: <https://4seminariodestudosdogotico.paginas.ufsc.br/files/2021/01/Sobre-o-Medo.pdf>. Acesso em: 05 out. 2024.

CASTRO, Audrey Gonçalves de. Bem-vindo à ideologia do medo. **Estudos de Psicanálise**, Belo Horizonte, n. 50, p. 59-66, 2018. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/ep/n50/n50a05.pdf>. Acesso em: 05 out. 2024.

CHALMERS, Alan Francis. **O que é ciência afinal?** São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

DALGALARRONDO, Paulo. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais**. Porto Alegre: Artmed, 2018.

DARWIN, Charles. **A expressão das emoções no homem e nos animais**. São Paulo: Schwarcz, 2013.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente, 1300-1800**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009.

FARIA, Durval L. de. **O pai possível: conflitos da paternidade contemporânea**. São Paulo: Educ, 2003.

FIGUEIREDO, Anelice Maria Banhara *et al.* **Pesquisa Científica e Trabalhos Acadêmicos**. Chapecó: UCEFF Faculdades, 2014.

FREUD, Sigmund. As neuropsicoses de defesa. In: S. Freud. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. Inibição, sintoma e angústia (1926). In: **Obras Completas** [tradução Paulo César de Souza]. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, vol. 17.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2008.

JUNG, Carl Gustav. **Psicologia em transição**. Obras Completas: 10. Petrópolis: Vozes, 1993.

JUNG, Carl Gustav. **Cartas de C. G. Jung; Vol. 1, 2 e 3**. Petrópolis: Vozes, 2002a.

JUNG, Carl Gustav. **O desenvolvimento da personalidade**. Obras Completas: 17. Petrópolis: Vozes, 2002b.

JUNG, Carl Gustav. **A natureza da psique**. Obras Completas: 8/2. Petrópolis: Vozes, 2011.

JUNG, Carl Gustav. **Aion: Estudos sobre o simbolismo do si-mesmo**. Obras Completas: 9/2. Petrópolis: Vozes, 2012.

JUNG, Carl Gustav. **Tipos Psicológicos**. Obras Completas: 6. Petrópolis: Vozes, 2013.

JUNG, Carl Gustav. **Sobre sentimentos e a sombra: Sessões de perguntas de Winterthur**. Petrópolis: Editora Vozes, 2014a.

JUNG, Carl Gustav. **Psicologia do inconsciente**. Obras Completas: 7/1. Petrópolis: Vozes, 2014b.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Obras Completas: 9/1. Petrópolis: Vozes, 2014c.

JUNG, Carl Gustav. **A vida simbólica**. Obras Completas: 18/1. Petrópolis: Vozes, 2018.

LOVECRAFT, Howard Phillips. **O Horror Sobrenatural em Literatura**. São Paulo: Iluminuras, 2008.

LOVECRAFT, Howard Phillips. **O Chamado de Cthulhu e outros contos**. São Paulo: Hedra, 2012.

LOWEN, Alexander. **O Medo da Vida**. São Paulo: Summus, 1989.

MACHADO, Afonso Antônio. **Psicologia do esporte**: da educação física escolar ao treinamento esportivo. São Paulo: Guanabara Koogan, 2006.

MARTINEZ, José Roberto Barcos. **Metapsicopatologia da psiquiatria**: uma reflexão sobre o dualismo epistemológico da psiquiatria clínica entre a organogênese e a psicogênese dos transtornos mentais. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, São Carlos, 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/4743>. Acesso em: 5 out. 2024.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOSIG, Yōzan Dirk. **Mosig at last: A Psychologist Looks at H.P. Lovecraft**. West Warwick: Necronomicon Press, 1997.

NANDA - NORTH AMERICAN NURSING DIAGNOSIS ASSOCIATION. **Nursing Diagnoses: definitions and classification: 2005-2006**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SANFORD, John A. **Mal: O Lado Sombrio da Realidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

SANTOS, Cacilda Cuba dos. **Individuação Junguiana**. São Paulo: Sarvier, 1976.

VON FRANZ, M. L. **A sombra e o mal nos contos de fada**. São Paulo: Paulus, 1985.

WELSH, Śraddhāpa. **Cthulhu Waits Dreaming**: A Jungian Exploration of Dreams and the Unconscious in the Works of H. P. Lovecraft. 2019. 93 p. Tese (Doutorado em Filosofia) - University of Oslo, Oslo, 2019. Disponível em: <https://www.duo.uio.no/handle/10852/73268>. Acesso em: 5 out. 2024.